

NOVA ÁGUIA

REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI

PARA UM NOVO PORTUGAL, UMA NOVA COMUNIDADE LUSÓFONA E UM NOVO MUNDO

Direcção: Paulo Borges, Celeste Natário e Renato Epifânio

MANIFESTO

“O futuro de Portugal [...] é sermos tudo”
– Fernando Pessoa

1 – **Recriar uma revista e um movimento de transformação das mentalidades e das vidas** - A revista *Nova Águia* pretende recriar no presente o espírito da revista *A Águia*, órgão do movimento da Renascença Portuguesa, enquanto aglutinador de algumas das mais notáveis figuras da nossa cultura e impulsionador de um fecundo debate de ideias de que resultaram, pela própria divergência, alguns dos mais importantes movimentos culturais do século XX em Portugal, como os que se expressaram nas revistas *Orpheu* e *Seara Nova*. A *Nova Águia* pretende continuar e recriar, adaptado à contemporaneidade, o melhor desses e de outros movimentos, contribuindo para uma transformação profunda das mentalidades e das vidas.

2 – **A profunda crise de Portugal e a aspiração a algo de novo** - Tal como no início do século XX, sente-se que Portugal atravessa no presente uma profunda *crise*, a todos os níveis, com tudo o que a palavra implica de *risco* e *oportunidade* simultâneos. Agudiza-se hoje de novo, como escreveu Raul Proença num dos manifestos da “Renascença Portuguesa”, uma “atmosfera” composta de “um sentimento de mal-estar” e de “um desejo de *alguma coisa*” indefinida, “que nos incite, que nos impulse, que nos una, que nos salve”. Sente-se haver, na nação e na nossa tradição cultural, imensas virtualidades criadoras que desde há muito não são assumidas nos rumos dominantes da nossa vida institucional e pública, cada vez mais condicionados pela busca de soluções meramente materiais, económicas e tecnológicas – que em si mesmas são insuficientes e se têm revelado decepcionantes – e por uma crescente anestesia e massificação das consciências, abandonadas ao produtivismo-consumismo, à publicidade e às distrações mais grosseiras, para que não sintam a alienação e o vazio das suas vidas. Quanto mais se pretende ocultar isso, com novas políticas de fachada, mais se sente vivermos num país onde nada se discute de importante, incluindo o sentido a dar à nossa existência colectiva. Sente-se que o verdadeiro problema nacional é um problema de atitude e de mentalidade e haver qualquer coisa de vital em nós que não se conforma ao paradigma produtivista-consumista da globalização civilizacional que domina e devasta o planeta. Sente-se haver uma diferença que aspira a manifestar-se e a ganhar voz. A saudade de um *não sei quê* ainda desconhecido, vago e nebuloso, como diria Pascoaes, mas que aponta a um futuro diverso daquele que nos querem impor. Talvez a saudade de nós mesmos, o pressentimento de tudo o que podemos ser e a dor do pouco ou nada que vamos sendo.

3 – **Morte e refundação de Portugal** - Portugal vive um período de morte, que pode ser ou não de ressurreição. O nosso finisterra é hoje um novo *Finis Patriae*, como na visão de Guerra Junqueiro. O enfeudamento do estado português aos grandes poderes políticos, económico-financeiros e culturais mundiais dissolve-nos efectivamente noutras áreas de influência e soberania, preservando-nos apenas uma independência formal, para logro dos ingénuos.

Esta morte é também a da evidente indiferença, descrença e desorientação a respeito do sentido e destino da nação, mais visivelmente traduzido no alheamento e descrédito da grande maioria dos portugueses em relação à classe política, que faz com que a abstenção seja enorme, as eleições ganhas e os governantes eleitos por maiorias francamente minoritárias em relação à totalidade da população, o que não deixa de questionar a sua legitimidade real. Há um fosso crescente entre os cidadãos e os seus supostos representantes, entre governantes que parecem apenas perseguir objectivos pessoais de poder, ou ser meros gestores e funcionários do sistema, e as nossas legítimas aspirações a termos nos postos de decisão pessoais realmente empenhadas no bem comum e com ideias de rumos mais dignificantes a dar à nossa vida colectiva.

Depende de todos nós que esta situação se altere. Portugal necessita de um grande desafio colectivo, que assegure o sentimento de solidariedade cívica sem o qual uma nação não pode existir e que não pode reduzir-se aos entusiasmos fugazes da expectativa de proezas futebolísticas. Há que refundar Portugal: “baralhar e dar de novo”, como dizia Agostinho da Silva.

4 – **O sentido de Portugal como busca de uma fraterna comunidade humana e vital, alternativa ao esgotamento da civilização dominante** - Portugal, enquanto pátria, é não só o conjunto dos que no seu território nascem, vivem e a sua organização sócio-política, mas também a energia viva dos mitos, símbolos, ideias, valores, vivências, sonhos, inquietações e aspirações que, na cultura popular e erudita, se plasmam numa língua e nos configuram uma identidade cultural dinâmica com um sentido espiritual, ético e existencial e uma vocação histórica. Portugal enquanto pátria transcende

a nação espaço-temporal e contribui para o movimento da consciência humana para a universalidade. Sobretudo a partir do momento em que, com o abandono da terra-mãe e o descentramento para o mundo, a nossa própria identidade começou a ser vivida e pensada como busca de uma fraterna comunidade universal, multicultural e multireligiosa, fundada num sentido trans-dogmático e ecuménico do divino ou do absoluto, onde o homem se emancipe material e espiritualmente e aceda a uma vida plena sobre a terra, conforme o culto popular do Espírito Santo, Luís de Camões, Padre António Vieira, Fernando Pessoa e sobretudo Agostinho da Silva o expressaram nas metáforas da Ilha dos Amores, do Quinto Império e do Império do Espírito Santo.

A isto há que juntar a aspiração a uma mais ampla fraternidade vital, que subordine o antropocentrismo ao amor e compaixão por todos os seres sensíveis, como emerge na ética cósmica de Antero de Quental, Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoas, José Marinho e Agostinho da Silva, que anteciparam em mais de um século a consciência ecológica e holística que hoje se impõe como condição de sobrevivência da própria humanidade.

Dado que a nossa maior singularidade é precisamente este desejo de infinito e totalidade, o nosso futuro, como proclamou Pessoa, não pode ser menos do que “Ser tudo, de todas as maneiras [...]!”. Assim, como viu Agostinho da Silva, “Portugal passa a ser não propriamente um determinado país, [...] mas sim uma ideia a difundir pelo mundo”. A ideia de realizar todas as possibilidades fundamentais do ser humano e viver a irmandade cósmica. O que é uma notável alternativa ao esgotamento de uma civilização em que a maioria dos seres humanos cada vez mais se reduzem à egocêntrica ganância do poder, da riqueza, da fama e do prazer, a sobreviver como escravos produtores e consumidores de coisas fúteis e a béclicos predadores de si mesmos, dos seres vivos e do planeta, numa nítida decadência das faculdades superiores, como a sabedoria, a bondade, a sensibilidade e a criatividade.

5 – As virtualidades e o universalismo da comunidade lusófona - A comunidade lusófona é o fruto mais imediato e concreto, em termos histórico-culturais, deste impulso português para a universalidade. Portugal não pode ser pensado fora da grande comunidade dos cerca de 240 milhões de falantes, em todo o mundo, da língua que tem vindo a plasmar e a ser plasmada pelas culturas vivas que nela pensam, sentem e falam e que resultam daquele ímpeto para abraçar o mundo, irredutível às motivações imperialistas – bélicas, políticas, económicas e religiosas – que no passado o acompanharam e perverteram e de que hoje nos queremos livres. Desde a Galiza a Timor, passando pelo Brasil, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné, Angola, Moçambique, Goa, Damão, Diu, Macau e todos os lugares onde se fala o português e se prezam os valores lusófonos, há uma comunidade vital irmanada pela língua, pela cultura e pela história que, apesar das suas dificuldades materiais e sociais, mas também por estar à margem dos grandes poderes do mundo, encerra em si virtualidades criadoras, e tão alternativas como necessárias aos rumos dominantes de um mundo em crise, como a vocação para a convivência harmoniosa com todos os diferentes povos, culturas e religiões, expressão ainda do que Jaime Cortesão designou como o nosso “humanismo universalista”.

6 – Promover as ideias e valores da cultura portuguesa e lusófona como contributo para um outro paradigma e uma outra globalização - O valor e fecundidade da cultura portuguesa e lusófona residem na medida em que, junto com o melhor de todas as culturas planetárias, possa contribuir para dar à civilização tecnológica e material o indispensável e superior sentido espiritual e ético que lhe permita a urgentíssima transformação sem a qual não pode sobreviver a uma mais que provável catástrofe, sobretudo ambiental. As ideias e valores da cultura portuguesa e lusófona – a sua aspiração ao infinito e à totalidade, o seu sentido da irmandade cósmica e do bem universal, a sua vocação para mediar e promover a harmonia entre diferentes povos, culturas, civilizações e religiões –, convergindo com a emergência planetária de um novo paradigma holístico, podem ser um importante contributo para uma outra globalização, a da paz, da fraternidade e da sabedoria, alternativa àquela cujo triunfo planetário se pressente como um prolongado e agónico canto de cisne, destino inevitável de todos os grandes impérios históricos e materiais.

Promover assim as grandes ideias e valores da cultura portuguesa e lusófona e dar-lhes visibilidade e efectividade a nível nacional, lusófono e mundial é um serviço prestado a toda a humanidade e a toda a terra e um contributo para um mundo novo. Sem a perversão do “orgulhosamente sós”, contrário ao nosso universalismo, que nos capacita para assimilar o melhor que há em todo o mundo, há que reconhecer que boa parte das soluções que os portugueses desde há séculos procuram no exterior pode residir ignorada no mais fundo de nós mesmos. Há que vencer o complexo de inferioridade e subserviência perante o estrangeiro, que faz com que sejamos compulsivamente maldizentes de nós mesmos e só reconheçamos méritos ao que é nacional após eles terem sido reconhecidos fora do país. O reencontro e reconciliação dos portugueses e lusófonos consigo próprios, por ser um reencontro com a sua aspiração à universalidade, é a condição de possibilidade de um mais pleno e salutar encontro com a comunidade universal dos povos e das culturas. Já finda o ciclo de esperança e desengano inerente à busca do Paraíso e da redenção em regiões geográfico-culturais parcelares e limitadas: África, Oriente, Brasil, Europa. O desafio actual é encontrarmo-nos e ao mundo, ao mundo em nós, a nós no mundo. Disso depende um outro modo de vivermos a própria integração europeia, aspecto parcial da nossa mais ampla integração no mundo, que seja benéfico para nós e para a própria Europa. Como o viu Agostinho da Silva, se outrora levámos a Europa ao mundo, assumindo boa parte de responsabilidade na globalização dominante, é nossa tarefa trazermos hoje o mundo à Europa, renovando-a pelo convívio com as culturas planetárias e libertando-a do persistente eurocentrismo em que perverte o melhor de si mesma.

7 – Uma pátria alternativa mundial - Refundar Portugal é repensá-lo e reorganizá-lo inspirados no sentido da cultura e da comunidade lusófona como o de servir o bem do mundo, veiculando uma cultura de paz, diálogo e compreensão entre os diferentes povos, culturas, civilizações e religiões. A própria diáspora planetária da comunidade lusófona é expressão física dessa vocação e condição estratégica fundamental para a difusão de um novo paradigma de consciência e convivência planetária.

Portugal e a comunidade lusófona devem assumir-se como espaço mental, cordial e físico de pontes, transições, mediações, diálogos e intercâmbios entre povos, culturas, civilizações, religiões e irreligiões, entre Norte e Sul, Ocidente e Oriente, passado e futuro. Portugal e a comunidade lusófona poderão ser uma espécie de *pátria alternativa mundial*, embrião dessa possível comunidade planetária futura cuja visão é tão presente na nossa tradição. Uma pátria alternativa mundial no sentido de uma *pátria do espírito* – aquela “ideia a difundir pelo mundo” de que fala Agostinho da Silva – que dê o exemplo de ser livre do comum egoísmo nacional e nacionalista veiculando ideias, valores e práticas tão universais e benéficas que todos os cidadãos do mundo nelas se possam reconhecer, independentemente das suas nacionalidades, línguas, culturas, ideologias e religiões. Uma pátria-mãtria-frátria que esteja sempre na primeira linha da expansão da consciência, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas humanitárias, da sensibilização da comunidade internacional para todas as formas de violação dos direitos humanos e dos seres vivos e do apoio concreto a todas as populações em dificuldades.

8 – Libertação de complexos de superioridade e inferioridade - Devemos reconhecer que as qualidades virtuais do homem e da cultura portuguesas e lusófonas se acompanham de não menos evidentes e correlatos defeitos, o maior dos quais é a descrença em si próprios, a excessiva passividade e a falta de persistente e metódico cultivo e desenvolvimento dessas mesmas qualidades. A verdadeira superação do referido complexo de inferioridade deve libertar-nos também da sua bipolar mutação num complexo de superioridade, curando-nos dessa oscilação entre períodos de fugaz exaltação extrema e prolongada e profunda depressão que tanto nos caracteriza psicológica e historicamente. Para assumir plenamente a sua vocação histórica, o homem português e lusófono deve começar por se autoconhecer e se libertar dos seus complexos.

Neste sentido, há que repensar alguns aspectos da tendência fortemente enraizada na nossa tradição, sobretudo a partir dos Descobrimentos, desde Camões a Pascoaes, Pessoa e Agostinho da Silva, para um lusocentrismo messiânico, em que Portugal, como nas palavras paradigmáticas do Padre António Vieira, tende a ser visto como um “novo povo eleito”, do qual dependeria unilateralmente a redenção do mundo. Aqui retemos a crítica de Eduardo Lourenço à “construção mítica da imagem de um Portugal-menino-jesus-das-nações”, tanto mais que, a par do irrealismo e das perigosas consequências dos messianismos etnocêntricos, o resultado desta concepção, entre nós, tem sido sobretudo a esperança passiva, sempre frustrada e adiada, de uma mutação miraculosa dos acontecimentos que nos deixa afinal à margem e à mercê do seu encadeamento, no mero limbo desse “salto para fora da história”, como caracterizou Oliveira Martins o sebastianismo, que não se converte numa recriação da realidade e da vida. Além disso, Portugal e a comunidade lusófona não são essências ou supra-entidades individuais, com uma vida própria, que se possam substituir aos indivíduos concretos que pensam e agem e, em todas as nações e culturas, podem incarnar ideias que melhorem o mundo. Dito isto, não rejeitamos que os mitos e profecias acerca de um destino grandioso de Portugal e da comunidade lusófona, sintetizados na ideia de contribuímos para o Quinto Império como metáfora da consciência e da fraternidade universal, são um indicador da nossa vocação e possibilidade mais profundas, que todavia só se realizarão se, em conjunto com o melhor de todos os povos e culturas, nos auto-elegermos para as cumprir.

9 – Novas Confrarias: um movimento cultural, cívico e pedagógico - O projecto *Nova Águia* não se esgota na revista assim designada, mas visa ser uma das expressões de um movimento mais vasto de carácter cultural, cívico e pedagógico. Um movimento que pretende a transfiguração do presente imediato e não apenas um futuro distante. Embora visemos em última instância transformar a sociedade, a nação e o mundo, sabemos que isso só é possível a partir da nossa própria transformação individual e do seu alastramento contagiante a outras transformações individuais. A este nível, de ninguém dependemos se não de nós mesmos e portanto tudo é desde já possível.

Destinamos estas ideias e proposta a todos os cidadãos, mais imediatamente aos portugueses e lusófonos, mas também aos homens de todo o mundo, que na sua universalidade se possam reconhecer. Propomos que, retomando o projecto de Agostinho da Silva no final da vida, e a exemplo do culto popular do Espírito Santo, nascido na nossa Idade Média e disseminado por todo o planeta, todos os que nestas ideias se reconhecerem se organizem em *Novas Confrarias*, que sejam núcleos de debate e difusão desta proposta e sobretudo espaços de fraterna convivência onde desde já se antecipe o mundo melhor que todos desejamos. É a partir deste movimento cultural, social e cívico de base que se podem progressivamente transformar os poderes instituídos, de modo a substituir-se uma política escrava da incultura, da vontade de poder e da obediência aos *lobbies* financeiros mundiais, pela acção de pessoas desinteressadamente empenhadas em servir o bem comum e com um sentido ético-espiritual, cultural e civilizacional da política, que saibam e pratiquem como a sabedoria e o amor são indispensáveis à melhor organização do mundo.

A *Nova Águia* e o amplo movimento cultural e cívico aqui proposto assumem a tarefa pedagógica de difundir ideias fundamentais de modo acessível a todos. A *Nova Águia* não é uma revista de intelectuais e artistas para intelectuais e artistas, convocando uns e outros – quase sempre demasiado fechados nas suas carreiras e obras – a porem o seu saber, sensibilidade e criatividade ao serviço da transformação da sua vida e da dos seus concidadãos.

10 – Unir céu e terra: É a Hora ! - Ao escrever e publicar este *Manifesto* assumimos a nossa responsabilidade e não fugimos ao grave desafio do momento presente. Fazemo-lo com a alegria de quem não cala o que pensa e sente, por mais incómodo que possa ser. Aqui ficam estas ideias e proposta. A todos pertencem, para que as critiquem, melhorem e assumam. O primeiro passo está dado.

A *Nova Águia* vai levantar voo. Por natureza habita os mais altos cumes e paira nos mais elevados e insondáveis espaços, contemplando o sol face a face. Mas esta *Nova Águia* tem um coração de Pomba. Por isso tanto mais se erguerá no céu virginal e puro quanto mais descer em direcção à terra, para aí pacificar, libertar e erguer para o mesmo céu os olhos e os corações de todos os seres, seus irmãos. Que todos ganhem asas e para sempre unam céu e terra é o seu único fim.

Valete, Fratres ! Saúde, Irmãos ! É a Hora !